

TRAJETÓRIA DE ELIS REGINA NA MÚSICA BRASILEIRA

ELIS REGINA'S TRAJECTORY IN BRAZILIAN MUSIC

Marcia Vorpapel Serschon

Michel Alves da Cruz

Resumo

Elis Regina teve uma carreira muito curta e muito produtiva, sendo considerada até hoje, mais de 35 anos após sua morte, uma das maiores cantoras brasileiras. Viveu em uma época conturbada para os artistas, de ditadura militar, na qual era muito difícil se posicionar e conseguir a continuidade de seu trabalho, de forma isenta. Dona de uma personalidade forte, foi marcante como defensora da classe artística e dos direitos das mulheres. A sua trajetória na música brasileira é o objeto deste artigo que aborda tanto o seu desenvolvimento técnico e cênico quanto seu amadurecimento do ponto de vista de comportamento e relacionamento com a mídia e com a política.

Palavras-chave: Elis Regina. Música. Trajetória.

Abstract

Elis Regina had a very short and very productive career, being considered today, more than 35 years after her death, one of the greatest Brazilian singers. He lived in a troubled time for artists, of military dictatorship, in which it was very difficult to position himself and to continue his work, in an impartial way. Owner of a strong personality, she was remarkable as a defender of the artistic class and women's rights. His trajectory in Brazilian music is the object of this article that addresses both his technical and scenic development and his maturity from the point of view of behavior and relationship with the media and politics.

Keywords: Elis Regina. Music. Trajectory.

Resumen

Elis Regina tuvo una carrera muy corta y muy productiva, siendo considerada hoy, más de 35 años después de su muerte, una de las mejores cantantes brasileñas. Vivió una época difícil para los artistas, de la dictadura militar, en la que era muy difícil posicionarse y continuar su trabajo, de manera imparcial. Dueña de una personalidad fuerte, fue notable como defensora de la clase artística y los derechos de las mujeres. Su trayectoria en la música brasileña es el objeto de este artículo que aborda tanto su desarrollo técnico y escénico como su madurez desde el punto de vista del comportamiento y la relación con los medios y la política.

Palabras clave: Elis Regina. Música. Trayectoria.

1 Introdução

Elis Regina nos deixou em 1982 aos 36 anos de idade, muito jovem e com um legado impressionante, além de três filhos também muito talentosos. Uma carreira muito curta mas muito produtiva, o trabalho de Elis Regina é bem conhecido no mundo todo e é um cartão de visitas da música brasileira. Tendo vivido em um período bastante conturbado da organização

política brasileira, o da ditadura militar, sempre esteve às voltas com temas como censura, suspeitas por parte dos órgãos policiais e até acusações de associação de sua imagem às práticas de propaganda do governo militar.

Foram tempos difíceis, o que não prejudicou e talvez até tenha funcionado como motivador para a produtividade e a qualidade dos trabalhos produzidos pela artista nesse período. O tema/objeto deste artigo é a trajetória de Elis Regina na música brasileira, com o objetivo de endereçar a seguinte pergunta: até que ponto o cenário político e social da época interferiu na trajetória de Elis Regina?

Para tal, o método de abordagem é a análise da trajetória com base nos materiais disponíveis, abrangendo livros, artigos e discografia e espera-se como resultado a obtenção de uma visão, considerando o contexto histórico, da influência exercida e sofrida por Elis Regina.

2 Fundamentação teórica

2.1 Elis Regina em números

Entre os anos de 1961 e 1980 Elis Regina gravou 18 álbuns em estúdio, em alguns casos mais de um disco por ano, o que por si só já é uma produção impressionante. Foram mais seis discos gravados em shows ao vivo. No mesmo período, a cantora também gravou 23 compactos, mais 10 álbuns duplos, além de 9 outros lançamentos. Postumamente, foram lançados mais 6 álbuns até 2012. Um número que mostra a grande popularidade de Elis Regina é a quantidade de canções e telenovelas em minisséries: são impressionantes 54 ocorrências (até 2017). Tudo isso produzido em menos de 20 anos de carreira.

2.2 Trajetória

O tema da análise da trajetória de um indivíduo considera fatores que extrapolam a sua biografia, uma vez que se preocupa em situar o agente no cenário da sociedade da época, em seu grupo, nos diferentes campos sociais.

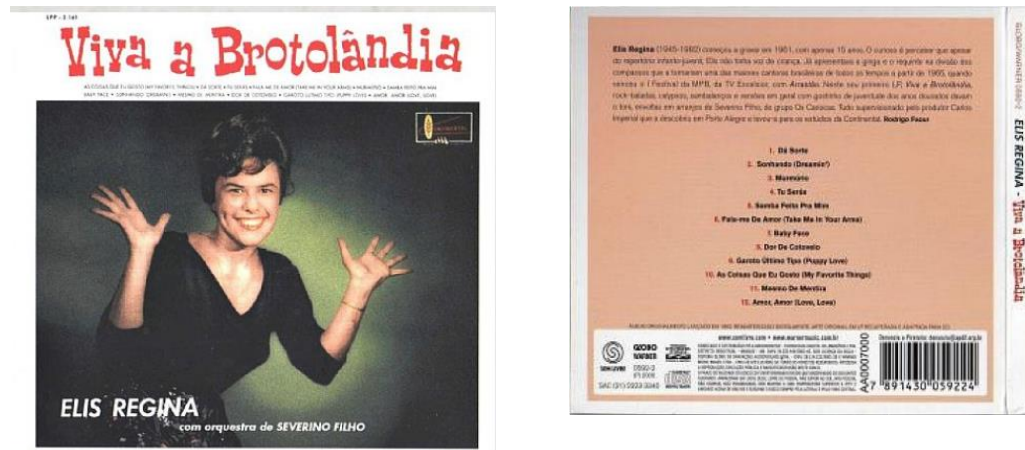
Bourdieu (1988) sugere que sejam traçadas as relações de “influência e de subordinação” inseridas em uma estrutura de poder, demarcando autonomias intelectuais relativas. Adicionalmente, quando se analisa as relações sociais nas quais se inserem os diferentes sujeitos, pode-se identificar a necessidade de ressaltar os jogos de conflito pelo

poder, dentre os agentes envolvidos. Portanto, de acordo com Bourdieu, o conceito de “trajetória” denotaria a objetivação das relações entre os agentes, considerando também suas forças em campo e buscando a descrição das posições ocupadas de maneira simultânea nesses campos de atuação, representando a trajetória, dessa forma, a atuação e a relevância no espaço social.

Elis Regina é considerada por muitos a maior cantora brasileira de todos os tempos (ECHEVERRIA, 1985, p.267). Isso se deve à conjugação de alguns fatores como a integração magistral de técnica e expressão vocal, com o controle cênico corporal e uma performance completa de palco (ACCIOLI, 1995, p.150). Existem inúmeros testemunhos sobre as qualidades técnico-musicais da cantora. Segundo Rangel (1995, p.133-134): “O diferente na interpretação de Elis é que, mesmo quando cantava velhos clássicos, renovava sempre graças à permanente inquietude de sua inteligência, não apenas recursos técnicos, como sua insuperável divisão rítmica”. Porém, a maturidade de Elis Regina na música está fundamentalmente associada à sua corporalidade, e é resultado de uma trajetória artística longa que demonstra sua evolução como artista completa do palco. Ainda que tenha iniciado sua carreira no rádio, toda a sua trajetória se baseou na forma como a imagem visual de seu produto artístico chegaria até seu público.

A trajetória da cantora começa aos 11 anos de idade, quando cantou no Clube do Guri da Rádio Farroupilha, onde recebia cachês ainda pequenos e permaneceu até os 13 anos de idade, quando assinou contrato com Rádio Gaúcha a partir dos 14 anos. Aos 16 anos chegou a São Paulo para gravar seu primeiro compacto, que continha as músicas “Dá sorte” e “Sonhando” (ARASHIRO, 1995, p.41-42). Logo depois, sua gravadora lança “Viva a Brotolândia” (1961), que traz uma mudança na voz de Elis Regina, passando do vozeirão romântico comum na década anterior para uma voz mais jovial marcante na década de 1960. Na capa desse disco já está presente o movimento das mãos e o sorriso característico (KUKOJ, 2008, p.9).

Figura 1 – Capa e contracapa do disco “Viva a Brotolândia” de 1961



Fonte: Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)¹

Elis Regina desenvolveu uma corporalidade muito intensa no palco. O gestual, considerado exagerado no início, foi marcante quando venceu o 1º Festival Nacional da Música Popular Brasileira com Arrastão de Edu Lobo e Vinícius de Moraes (Folhetim, 1995, p.92). Levou algum tempo para que ela conseguisse equilibrar tanta energia e encontrar o ponto ideal.

Ao analisar o amadurecimento da sua atuação no palco, com a integração de corporalidade à sua técnica e expressão vocais, combinando planejamento e intuição, Elis relatou a Silvio Lancellotti em 1972:

De fato, eu quero aprender algumas coisas. Expressão corporal, por exemplo. Quando comecei a carreira, você se lembra, mexia tanto os braços que logo ganhei o apelido de 'Eliscóptero'. Depois, passei a receber tantas críticas pelo meu, digamos, exagero de movimentação, que praticamente amarrei as mãos na cintura. Cantava tão dura, tão rígida, que um show era uma verdadeira angústia. Ficava com dores terríveis nos músculos dos braços e das costas. Hoje em dia já estou me portando mais ponderadamente. Mas acho muito importante aprender a me postar de modo realmente estético. Em todo caso, acredito muito no meu instinto. E não quero inibi-lo. Não há dúvidas de que aperfeiçoei minha técnica vocal, de que desenvolvi minha dicção. Ao mesmo tempo, porém, não desejo cercear o que tenho de natural exatamente o que fez de mim uma cantora" (LANCELLOTTI, 1995, p.79-80).

Elis Regina continuou a seguir sua intuição e determinação, aproveitando todas as possibilidades para investir no aperfeiçoamento da sua arte, recebendo grande influência do bailarino norte-americano Lennie Dale, de quem se tornou grande amiga (MARIANO, 2009). A sua postura crítica com relação à massificação proporcionada pela televisão criou uma relação ambígua da artista com essa mídia, já que gerou momentos considerados muito marcantes e uma posição antagonica ao entender que a TV reduzia o artista a um "arremedo"

1 O Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), fundado em 2006, é uma organização sem fins lucrativos sediada em Niterói – RJ que é voltada para a pesquisa, preservação e promoção da Música Popular Brasileira.

ou "rascunho", conforme registrado em entrevista concedida na RBS (Rede Brasil Sul de Comunicação) em 18 de setembro de 1981, sobre as limitações expressivas dos artistas na TV:

Acho que precisa [estar na TV]... mas te pergunto, honestamente, você acha que o grande público conhece a Fernanda Montenegro?... vê a imagem, mas continua não conhecendo... é muito aquém... ela não tem a menor possibilidade de colocar para fora toda a carga de dramaticidade dela, toda a densidade de atriz... a partir do momento em que você... entra pra essa coisa, essa maquininha de fazer doido, você deixa de ser pessoa e passa a ser impulso... são traços, são figuras que se movimentam... um arremedo...um rascunho do que você é como pessoa [...]
(REGINA, BUENO, URBIM; SALDANHA, 2011).

O conflito entre não gostar da televisão e, ao mesmo tempo, necessitar dela como veículo de comunicação, causou muitos problemas profissionais a Elis que chegou a ter algumas fases de afastamento e aproximação com essa mídia.

Extrapolando as fronteiras do Brasil, na década de 1970, Elis já era bem conhecida na Europa (McGOWAN; PESSANHA, 1991, p.85). Pouco tempo após o lançamento de seu LP “Ela”, em 1971, ela recebe em 1972 um especial de 50 minutos da TV alemã Südwestfunks em parceria com a TV Globo, programa filmado em estúdio e em cores, apresentando vários clips musicais (com arranjos de Herman Shoonderwalt) alinhavados com textos encenados (REGINA, LEGRAND, BLANCO, HOOR; BERGHOFF, 1972).

Nesse programa pode-se observar uma grande ênfase no aspecto cênico, com cenários e figurinos muito elaborados, que acompanham a temática da música e contam com efeitos especiais, como superposições de imagens em movimento e imagens paradas, tomadas aéreas com grua, inserção de trechos das letras em colagens e letreiros em movimento, e outros recursos gráficos de vanguarda na época. Elis canta em português, inglês, francês e alemão. Com relação ao envolvimento com a política, Elis Regina foi associada aos dois polos existentes na época. Uma das perguntas que se coloca sobre a sua trajetória é até que ponto o cenário político e social da época interferiu na trajetória de Elis Regina? Ela nem sempre esteve envolvida com o engajamento político de esquerda na sua trajetória musical, o que ocorreu mais tarde, em sua maturidade. Porém, também foi acusada de direitista pelos cantores das canções de protesto, principalmente pelo fato de “cantar o Hino Nacional nas Olimpíadas do Exército em 1972 e, como maestrina, reger um monte de cantores, de fraque de maestro, em uma propaganda do Exército Brasileiro na TV” (HENFIL, citado por ECHEVERRIA, 1985, p.191). No mesmo ano, devido a esse episódio, a popularidade de Elis começou a cair, foi rechaçada pelo jornal O Pasquim e passou a ser vaiada nos shows. Em

1973, num festival em que o público a recebeu com muita frieza e descaso, Caetano Veloso gritou uma frase que ficaria para a história: “Respeitem a maior cantora desta terra”.

Alguns meses depois desse episódio, Elis decidiu passar uma temporada em Los Angeles e lá gravou o antológico álbum *Elis e Tom*, ao lado de Tom Jobim. Até hoje, esse é considerado um dos melhores discos da música brasileira.

Sua popularidade voltou a crescer e ela decidiu lançar um grande espetáculo – que misturava música, teatro e circo – intitulado “Falso Brillhante”. A ideia era contar sua própria história de vida no palco. O sucesso foi absoluto e, em 1976, ela lançou um álbum de mesmo nome, época em que rompeu com a indústria fonográfica porque queria ter mais liberdade criativa e queria apostar em compositores desconhecidos, o que de fato fez. O sucesso das músicas *Como Nossos Pais* (faixa de *Falso Brillhante*) e *Romaria* (do álbum *Elis*, de 1977) alavancaram a carreira de Belchior e Renato Teixeira respectivamente. Outro nome que conseguiu exposição e reconhecimento graças a Elis foi Milton Nascimento.

Essa foi uma característica muito marcante na trajetória da cantora: ter a mesma naturalidade ao transitar entre a nata da música e os artistas pouco conhecidos – dando visibilidade e prestígio a esse segundo grupo.

Como resultado, Elis Regina sofreu com os efeitos de uma patrulha ideológica sobre a sua imagem na mídia, que causaram transformações visíveis na direção a um engajamento crescente na escolha de repertório, na construção das personagens, na postura de palco, nas declarações públicas (HENFIL, 1995, p.132).

Em 1979, a cantora definitivamente fez as pazes com a esquerda. Em 1972, o cartunista Henfil havia sido o responsável pela duríssima crítica endereçada a ela no *Pasquim*, mas Elis resolveu surpreendê-lo positivamente sete anos mais tarde. Através da canção *O Bêbado e a Equilibrista*, a cantora prestou uma homenagem a diversos exilados políticos, incluindo o sociólogo Betinho, que era irmão de Henfil. *O Bêbado e a Equilibrista*, composta por João Bosco e Aldir Blanc, tornou-se hino da anistia naquele momento. Posteriormente, Elis também ganhou destaque na defesa dos direitos da mulher. No vídeo de sua última apresentação na TV, em 31 de dezembro de 1981 além de confirmar seu perfeito equilíbrio entre técnica vocal e performance cênica, ela manifesta sua posição em relação à autonomia de utilização do corpo feminino. Ao interpretar a canção “*Me deixas louca*” de Armando Manzanero, pode ser vista como porta-voz da liberação sexual da mulher, ilustrando cenicamente a canção toda como se essa fosse um ato sexual, com efeitos vocais sensuais (ARASHIRO, 1995, p.58). No início dos anos 1980, Elis passou a exagerar no álcool e também a consumir cocaína. Essa fase conturbada fez com que seu segundo casamento

também chegasse ao fim. Em janeiro de 1982, ácida e contestadora como sempre, ela deu sua última entrevista. Foi no programa Jogo da Verdade, da TV Cultura. Mauricio Kubrusly foi um dos jornalistas a entrevistá-la na ocasião. Faleceu em 19 de janeiro de 1982, por conta de uma overdose, aos 36 anos.

Considerações finais

Os maiores obstáculos enfrentados por Elis Regina ao longo de sua carreira para construir sua identidade cênico-musical frente ao seu público se originaram quando sua gravadora, no início da sua carreira, impôs a ela um estereótipo da Jovem Guarda e das patrulhas ideológicas que a associaram ao regime militar.

Porém, esses obstáculos acabaram por motivá-la a amadurecer e redirecionar suas preferências na escolha de repertório e do engajamento nas causas sociais, defendendo os menos favorecidos, os trabalhadores, os oprimidos políticos, a liberdade de expressão e os direitos da mulher.

Sofreu importantes influências, como do norte-americano Lennie Dale, artista da Broadway, que foi sua principal influência na construção disciplinada de gestuais planejados e integrados (música-texto-expressão corporal). No auge da carreira, buscou profissionais do teatro e da dança para dirigir seus espetáculos, que se tornaram referência no país não apenas pelo senso estético, mas pela coesão e vigor com que comunicavam as ideias da artista.

Além do desenvolvimento de suas qualidades técnicas como cantora, Elis Regina desenvolveu a habilidade de ocupação do espaço cênico como performer e de utilização de todos os recursos do palco a favor de sua interpretação musical. Sua carreira se desenvolveu na mesma época do desenvolvimento da televisão, fato que acabou causando diversos conflitos entre a necessidade profissional de veicular sua imagem na TV e o exercício da crítica às facetas do consumismo e alienação geralmente associados a esse meio de comunicação.

A artista soube equilibrar, de forma impressionante, técnica vocal apurada e emoção, e soube lidar com o fato de ser a artista mais bem paga da TV e ao mesmo tempo defender a classe artística. Foi um “genuíno brilhante”, artista completa dos palcos, unanimidade, entre o público, colegas e produtores da música brasileira.

Referências

ACCIOLI, C. Dez anos sem a Pimentinha. In: **Elis por ela mesma**. Coleção o autor por ele mesmo. Org. Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.150-155.

ARASHIRO, O. **Elis por ela mesma**. Coleção o autor por ele mesmo. (Org). Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**: usos e abusos da história social. 1988.

ECHEVERRIA, R. Furacão Elis. **Cronologia e discografia de Maria Luiza Kfour**. Apresentação de Hamilton Almeida Filho. 7. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1985.

FOLHETIM. Elis, a equilibrista. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. (Org). Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.83-100.

HENFIL. Elis, Henfil e o Hino Nacional. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. (Org). Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.127-133 (Publicado anteriormente em Furacão Elis, de Regina Echeverria. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1985).

KUKOJ, A. M. **Rupturas no contexto da MPB**: uma análise historiográfica da carreira de Elis Regina. Curitiba: UFPR, 2008 (Monografia de Bacharelado).

LANCELOTTI, S. Quero apenas cantar. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. Osny Arashiro (Org.). São Paulo: Martins Claret, 1995. p.71-80 (Publicado anteriormente na revista Veja, 1 mai. 1974).

McGOWAN, C.; PESSANHA, R. **The Billboard book of Brazilian music**: samba, Bossa Nova and the popular sounds of Brazil. New York: Billboard Books, 1991.

RANGEL, F. Estrela luminosa. *In: Elis por ela mesma*. Coleção o autor por ele mesmo. Org. Osny Arashiro. São Paulo: Martins Claret, 1995. p.133-135. (Publicado anteriormente na Folha de São Paulo em 20 de janeiro de 1982).

REGINA, E.; BUENO, M. do C.; URBIM, C.; SALDANHA, S. **Elis Regina**: entrevista RBS 1981. 2011. Postado no Youtube por "jordaoqualquer" em 28 dez., 2011. Vídeo de 25 minutos e 18 segundos da RBS (Acesso em 08 jan. 2013).

REGINA, E.; LEGRAND, M.; BLANCO, R.; HOOR, W.; BERGHOFF, D. **Elis Regina na Televisão alemã anos 70**. 1972. Postado no Youtube por "Paulo Gonçalo" em 25 de abril, 2012. Vídeo de 47 minutos e 57 segundos (Acesso em 08 jan. 2013).